

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

ZORAIDE CASTELO BRANCO
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – História da criação da Faculdade de Medicina Souza Marques

Entrevistado – Zoraide Castelo Branco (ZB)

Entrevistadores – Dilene Raimundo do Nascimento (DN) e Nataraj Trinta (NT)

Data – 10/04/2006

Local – Rio de Janeiro, RJ

Duração – 1h55

Transcrição – Nataraj Trinta

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

BRANCO, Zoraide Castelo. *Zoraide Castelo Branco. Entrevista de história oral concedida ao projeto História da criação da Faculdade de Medicina Souza Marques*, 2006. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 37p.

Data: 10/04/2006

Fita 1 - Lado A

DN: Vamos dar início à entrevista com Zoraide Castelo Branco para o projeto História da Criação da Faculdade de Medicina Souza Marques, hoje são 10 de abril de 2006 e estamos no Rio de Janeiro. Os entrevistadores são Dilene Raimundo do Nascimento e Nataraj Trinta. Bem Zoraide, a gente gostaria que você começasse falando onde você nasceu, quando, falar um pouco sobre sua família, onde é que você cresceu, os seus amigos de infância, suas escolas.

ZB: Eu nasci no Rio de Janeiro, me criei entre o Estácio e a Praça da Bandeira. Exatamente ali naquele pedaço, próximo a antiga zona do meretrício. Sei lá, devia ser interessante para criança. Assim, vi muita coisa aí e...

DN: É bem próximo, né?

ZB: Muito próximo, muito próximo. A Praça da Bandeira nem tanto, mas o Estácio onde eu estudei era dois passos da zona do meretrício e a gente tinha curiosidade às vezes em ir olhar, quando era criança. Passei a minha infância ali, sai dali em torno de 20 anos de idade. Aí fui morar em Vila Isabel. Sempre morei durante muitos anos com a família. Minha família nós somos 5 irmãos, e família de origem nordestina né!? Meu pai é pernambucano, minha mãe é carioca, mas filha de pais nordestinos.

DN: Seus avós eram o quê?

ZB: Meu avô era pernambucano por parte de mãe, minha avó carioca. Quer dizer, a minha avó que eu conheci era a madrasta da minha mãe. Ela era pernambucana também. Minha avó, mãe da minha mãe realmente, eu não tive contato com ela. Ela era carioca. Os pais do meu avô, os pais do meu pai, o meu avô por parte de pai era piauiense e minha avó pernambucana. Minha família era toda do nordeste.

DN: Parece aquela música do Chico.

ZB: Qual música?

DN: Do brasileiro.

ZB: A sim. O brasileiro.

DN: E você nasceu quando Zô?

ZB: 30 de abril de 48.

DN: Então as suas escolas também foram ali pelo Estácio é isso?

ZB: É. Eu estudei numa escola pública no Estácio. A escola Pedro Varela. Ela foi derrubada para dar origem ao metrô. Mas ela existe hoje na Haddock Lobo. A escola

original não existe mais. Estudei todo o primário nessa escola e depois fui pro Pedro II, Seção-Tijuca. Depois eu fiz Normal no Instituto de Educação e fiz... Fazia Normal de dia e fazia Pedro II sede a noite, o colegial.

DN: Você fez os dois?

ZB: Fiz os dois. De manhã fazia um e a noite fazia outro. Fazia Normal de dia e a noite fazia científico.

DN: Mas por que isso? Porque o Normal não daria base?

ZB: Não dá base.

DN: Não dá base para o vestibular.

ZB: É, não dá base para o vestibular.

DN: Mas te dava um emprego logo.

ZB: Te dava um emprego. Você saia direto para um emprego. Foi o que me aconteceu. Em 67 eu me formei normalista e aí em 68 eu já comecei a trabalhar como professora primária.

DN: Você era boa aluna?

ZB: Mediana.

DN: Os seus amigos eram da rua? Eram da escola?

ZB: Meus amigos eram quase todos da rua, da rua. Antigamente você podia arrumar. Hoje em dia isso não existe. Numa rua você tinha... Aonde eu morava tinha muita criança. Eu morava numa casa muito grande e em frente a minha casa tinha umas vilas. E nessas vilas moravam muitas crianças. Então a gente brincava naquele pedaço de rua ali. Uma rua pequena, a Barão de Ubá. Eu morava na Joaquim Palhares esquina com Barão de Ubá. E a Barão de Ubá ela não tinha muito trânsito. Então a gente brincava ali na rua. Ou na vila, ou na minha casa. Na vila em frente era aonde a gente mais brincava. E aí era realmente bem seguro. Todo mundo largava os seus filhos na vila e brincava-se por ali.

DN: Quando você resolveu fazer o científico no Pedro II, você já estava pensando em fazer Medicina?

ZB: Já, já estava pensando em fazer medicina.

DN: E por que você pensava em fazer medicina?

ZB: Olha, eu não sei te dizer exatamente por quê. Eu acho que nessa época a gente é muito influenciado pela família, por conceitos da época, entendeu? Minha mãe desejava muito ter sido enfermeira. Ela sempre verbalizava isso. Aquela coisa oral: “Ah, eu queria tanto ter sido enfermeira, enfermeira”. Ela nunca falou que queria ser médica não. Ela sempre falava que queria ser enfermeira. E eu acabei me encaminhando para a medicina.

Eu sempre tive uma coisa assim de, voltada, não para a coisa de ciência exata. Eu sempre tive quando era criança, eu brincava muito com coisas que estavam voltadas para biologia, essas coisas assim de inseto e não sei o quê, e daí fui para medicina. Eu era muito ligada assim, em olhar inseto, dissecar inseto pra olhar. Mas nessa época ninguém falava em ser biólogo, meio ambiente, trabalho de campo, como se fala hoje né!? Naquela época quem trabalhava com isso, quem gostava disso acabava indo para a área de médico ou dentista ou enfermeiro. E eu acabei indo para medicina.

NT: Mas qual era o imaginário do médico que você lembre nesta época?

ZB: Alguém que cuida de alguém, alguém que vai fazer alguma coisa boa por alguém, que vai curar as pessoas. Esse é o imaginário da época, entendeu? Uma coisa assim muito emocional, muito fora da realidade que a gente convive, que a gente tem de realidade nossa, muito distante.

DN: Do ponto de vista da ascensão social, também tinha essa época assim?

ZB: Acho que também tinha sim, não para mim, mas para família. Antigamente todo mundo era preocupado em ter um filho doutor né!? Embora na família do meu pai isso já existisse, o meu avô era um cara bem posicionado, os filhos dele já estudavam, o meu pai não quis estudar. Ele veio embora para o Rio e resolveu ganhar a vida por conta própria. Mas a preocupação dele era dos filhos estudarem e se formarem, de serem doutor.

DN: Os seus irmãos, todos estudaram?

ZB: Todos. Todos, modo de dizer. Três fizeram curso superior, dois não. Uma por opção dela. Os dois por opção. Minha irmã resolveu... Tentou vestibular e acabou casando. E resolveu ser dona de casa e o meu outro irmão tinha uma coisa de ganhar dinheiro, ganhar dinheiro e achava que estudar era perda de tempo. Então, abandonou o Colegial, porque queria trabalhar, entendeu? E acabou não, não... só concluiu o Colegial, não estudou mais.

DN: Só você que fez medicina ou outros fizeram também?

ZB: Na minha casa, na minha, dentro da minha casa só eu. Agora eu tenho outros primos médicos. Tenho mais quatro, quatro primos médicos.

DN: Aqui no Rio?

ZB: Não. Tenho três em Pernambuco e um em Minas Gerais, que é oriundo de Pernambuco. Ele era pernambucano e ele veio pro Rio e do Rio ele foi pra Minas Gerais. Ele mora em Minas. Tenho mais quatro primos médicos.

DN: Aí você fez o científico e fez o...

ZB: Normal.

DN: Cursinho, não o curso vestibular?

ZB: Pré-vestibular? Fiz.

DN: Pré-vestibular?

ZB: Fiz.

DN: Fez junto ou separado do científico?

ZB: Não. Eu fiz separado. Eu fiz científico. Aí concluí em 67. Aí comecei a trabalhar em 68. Aí eu trabalhava de dia, dando aula e de noite eu fazia o curso Mendel Pré-vestibular.

DN: Mendel?

ZB: Mendel. Era na Presidente Vargas. O curso não existe mais. Um curso pequeno. Não tinha como pagar Miguel Couto, fazer o quê?

DN: Miguel Couto – Bahiense.

ZB: É Miguel Couto – Bahiense nessa época. Era muito caro.

DN: Mas você fez o vestibular para todas as faculdades?

ZB: Tudo que tinha direito naquela época. Era eliminatório, né. Eu fiz, eu fiz Uerj, eu fiz Ufrj, Uff e fiz Medicina e Cirurgia. Fui eliminada é, acho que na Uerj e na Uff, fui eliminada logo no início. Na Uerj eu andei mais um pouquinho, mas não consegui passar para última fase e na Medicina e Cirurgia eu consegui ser aprovada e sobrei. A história dos excedentes da época.

DN: A Nacional você fez também?

ZB: Fiz.

DN: Essa você também não ficou não.

ZB: Não passei, não passei. Nem Nacional, nem Uff, nem Uerj. Aliás não. Eu acho que eu não fiz Nacional. Eu acho que a Nacional coincidia a data.

DN: É teve uma delas que coincidia...

ZB: Eu acho que coincidia a data e eu optei por fazer Uerj. Fiz Uff e Fiz Uerj. Nacional eu não fiz não. Coincidia a data e eu me inscrevi para a Uerj.

DN: A data da prova né?

ZB: A data da prova coincidia.

DN: Só voltando um pouquinho ainda a sua infância, adolescência, é...tentando na verdade pegar uma característica sua assim que a gente possa perceber uma característica sua na nessa nossa turma e a da rua os seus amigos da rua e tal. Você tinha alguma liderança sobre os amiguinhos da rua, tinha alguma...

ZB: Não. Eu tinha liderança assim, né...

DN: O seu papel nessa, nesse grupo de amiguinhos dessa época era qual, em geral?

ZB: Era só mais um do grupo. Era só mais um do grupo. Não tinha uma liderança, não. Porque não, não havia muito essa coisa de... Eu, eu não identifico nenhum líder nessa época. Porque na realidade era, o grupo era muito heterogêneo, entendeu? Eram umas meninas de origem espanhola, umas outras meninas de origem nordestina, e um ou dois meninos cariocas. Mas não havia liderança, havia sim: Pô fulano é, é, vamos dizer, tem uma condição de vida melhor, mas brinca com a gente, entendeu? O outro é mais pobre, mas brinca com a gente. E havia aquela rivalidade de criança mesmo, né. Ah, não sei o quê, você é isso, você é aquilo. E daqui a pouco saia todo mundo no tapa. E cada um defendendo a sua família, né. Se fizer isso com o meu irmão vou bater, não sei o quê. Mas liderança, liderança acho que não tinha não.

DN: Tipo o dono da bola, também você nunca foi?

ZB: Não, não. Não, nunca, nunca tive esse perfil não. Me lembro muito do perfil de, aquela coisa de irmão. Porque eu era a irmã mais velha, então...

DN: Protegia os outros.

ZB: Protegia os irmãos. Eu, ah. Os meninos lá de casa, a diferença era muito grande, eles eram bem pequenos. E, então sempre havia aquela coisa de proteger o irmão. Do mesmo jeito que nas outras famílias também existia, entendeu? Outras famílias grandes também existia isso. Mas acabava a briga ficava todo mundo junto de novo e ponto. Eu acho que era meio apresentada na época. Isso eu me lembro.

DN: Meio o quê?

ZB: Apresentada.

DN: Como assim?

ZB: De brincadeiras, a gente gostava muito de brincar de cantar. Eu lembro sempre eu era a cantora. A cantora que cantava tudo. Cantava inglês sem saber falar inglês, cantava música de Ângela Maria, o que pintava naquela época o que tinha de cantora naquela época eu cantava. E todo mundo achava o máximo, todo mundo aplaudia. Eu acho que eu era apresentável. Mas liderança, liderança de grupo, não. Entendeu?

DN: Você gostava de palco?

ZB: Adorava cantar. Brincava quase toda noite de cantar.

DN: É?

ZB: É, porque tinha uma calçada assim na vila e ficava um monte de casas, né. E era calçada e então tinha um lugar que à noite a gente brincava ali. E aí quase sempre tinha história de cantar, e depois rolavam outras brincadeiras, né. Pêra, uva, maçã quando a gente foi ficando maior. Mais a história de cantar sempre. E quando a gente não brincava na rua, brincava na vila, brincava na rua. Aí já era brincadeira de correr, é...

DN: Queimado?

ZB: Queimado, queimado não tinha nessa época não.

DN: Ainda não era nessa época não?

ZB: Queimado ainda não era dessa época não. Era, era pique-esconde, era garrafão. Queimado é mais recente. Pique-esconde e garrafão. Na rua que eu morava tinha uma garagem de ônibus, e os ônibus não eram guardados na garagem. A garagem era realmente para funcionar como oficina, guardavam muito pouco lá. Então eles ficavam guardados na rua, entendeu. Estacionavam ali na rua e a gente abria as portas e se escondia dentro do ônibus, pique-esconde, a gente pintava. A minha infância foi bem de rua mesmo, de rua. A gente brincava muito na rua. Subia em árvores. Minha casa era muito grande. Então tinha, tinha árvore. A gente trepava nas árvores. Apostava quem vai comer mais goiaba, imagina comer goiaba de aposta, aí passava todo mundo mal, [ininteligível].

DN: Aí veio a prova, você fez a prova da Medicina e Cirurgia e você soube o resultado como?

ZB: Soube o resultado, acho que jornal.

DN: Em casa? Você estava em casa e olhou o jornal? Porque tem gente que foi no jornal vê, né!?

ZB: Eu não me lembro. Eu realmente não lembro. Antigamente tinha um negócio de você ir lá no jornal dos esportes. Mas eu não me lembro. Eu acho que não, Dilene, porque eu dava aula. Então eu não me lembro de ir ao jornal, entendeu? Se eu fui, eu não fui no momento em que todos foram. Porque a manhã era tomada, entendeu? Então se eu soube foi lendo o próprio jornal que alguém lá de casa obteve. Eu mesma não me lembro de ter ido não.

NT: Zoraide, então seus pais faziam o quê? Eles trabalhavam...

ZB: Meu pai era funcionário público do IBGE e minha mãe era do lar. Do lar.

NT: Você falou que os vestibulares, eles eram eliminatórios.

ZB: eliminatórios.

NT: Mas o vestibular da Medicina e Cirurgia não foi.

ZB: Sim, eliminatório assim: você tinha que alcançar uma nota x. Se você não alcançasse essa nota você era eliminado, entendeu? Ah! Digamos que a média fosse cinco em física, se você alcançou cinco você passa para a próxima fase. Se você não alcançou cinco, você é eliminado e não faz a prova seguinte, entendeu? Agora no final quem tinha cinco, quem tinha dez estava aprovado. Você entendeu? Ah! Tem física, tem química, naquela época não se fazia prova de português, de matemática como se faz hoje, né!? Era física, química e biologia. Você vai fazendo, se você alcançou aquela nota mínima, no final aquela “montueira” de gente estava aprovado.

NT: E todos tinham o mesmo sistema? Todas as universidades tinham o mesmo sistema?

ZB: Todos naquela época tinham o mesmo sistema. Todas as universidades tinham o mesmo sistema.

NT: Existia já um movimento de estudantes que eram classificados, mas não entravam?

ZB: Já! Antes de mim já tinha tido outro movimento.

NT: Mas existia já um movimento de estudantes que eram classificados, mas não entravam e se reuniam pra...

ZB: Ah! Isso eu não sei te dizer, quando começou a história da gente, a gente tomou conhecimento que havia antecedentes, entendeu? Que outros grupos tinham passado pela mesma coisa e que foram aproveitados.

DN: Você lembra exatamente como começo exatamente a história, por que você está chamando “a história da gente”? Veio o resultado setecentos e não sei quantos excedentes e...?

ZB: Aí começa, aí tu vai na faculdade, aí começa- Não! Ouvi dizer, ouvi falar que vai ter...vão reclassificar, vão aproveitar não sei quantos na Medicina e Cirurgia, aí você começa a conviver com o pessoal do Diretório que se empenha para que todos sejam aproveitados, entendeu? Então a história começa aí. Você informalmente procurar resolver a sua vida. Pô, eu to nesse bolo e aí, quais são as minhas chances? Vamos ser aproveitados, não vamos ser aproveitados, vão aproveitar até que nota? Aí começando a frequentar a faculdade você começa a ver outras pessoas que estão no mesmo, no mesmo barco, no mesmo problema. Aí começou a história de que iam aproveitar uma parte na Medicina e Cirurgia, então ficou um número grande na Medicina e Cirurgia aproveitados uma parte naquele mesmo ano e se não me engano uma parte no ano seguinte. Então aí você começa a se articular para ver quem vão aproveitar, quem são as pessoas, até que nota vão aproveitar, qual vai ser o critério, vão aproveitar tudo esse ano, vão aproveitar... Então cria aquela expectativa. Eu não me inscrevi para nenhum curso. Algumas pessoas voltaram a fazer pré-vestibular, eu não né!? Eu dava aula, eu estava envolvida com aquilo...Esqueci de fazer curso de novo, não botei na minha cabeça que eu ia fazer curso de novo. Na minha cabeça eu ia entrar ali. Eu ia ser aproveitada, entendeu? Começou desse jeito, de ir procurar saber como é que as coisas rolavam, de que maneira...Qual era o desdobramento disso tudo e começar a ouvir de que – Não, no outro ano eles aproveitaram, vão aproveitar. E aí você começa a se prender aquele gancho e começa a conhecer as pessoas. De uma forma assim bem formal as coisas começam a acontecer. Você não se articula – Não, vamos fazer um movimento. As coisas vão indo, você não se dá conta disso. Inicialmente você está ali isolado, como alguém que quer saber o que vai ser minha vida. Depois quando você percebe você já está convivendo com algumas pessoas, se articulando pra sempre – Como é que vai ser minha vida? Como é que vai ser? Dali um pouco é que você começa a pensar no coletivo. Mas inicialmente é- O que vai ser da minha vida? Eu vou pra onde? Como é que vai ser isso? Eles aproveitaram para um ano, será que vão aproveitar para o segundo?

DN: E esse “começa a pensar no coletivo”, a partir do momento que começa a pensar no coletivo, você acha que isso foi consciente ou também foi acontecendo?

ZB: Não, eu acho que não inicialmente você vai e aí você vai agregando pessoas né!? As pessoas vão vindo devagarzinho na expectativa e da que a pouco as pessoas começam a olhar você como uma pessoa mais informada –O que você tem pra me dizer? E aí você quando pensa em alguma coisa – Não, tem aquela menina que vem aqui sempre, tem não sei quem que vem aqui sempre...- Pô, tem o telefone? Liga! Vamos se juntar, vamos discutir. Aí aos poucos você vai incorporando esse coletivo. Mas isso nunca é a fase inicial, acho que isso você nem percebe. Mas inicial, é individual. Isso não tem a menor dúvida, entendeu!? Ainda mais quando se tem vinte anos de idade, você é muito individualista. Eu acho que quando você fica velho também fica individualista de mais.

DN: Volta, né!?

ZB: Volta, volta. Mas inicial você esta muito preocupada – O que vai ser da minha vida? Isso vai, vamos dizer assim, entrando em você aos poucos. Aos poucos vai indo, vai indo e quando você vê você está envolvido com aquilo de uma forma maior, cada vez maior e você vai começando a (sem perceber) a pensar nas pessoas –Pô tem fulano que vem aqui, como é que se chama? –Quem tem o telefone? – Tem beltrano, aos poucos você vai ampliando essa coisa que era única vai crescendo. Essa é a minha maneira de ver, né?

DN: E aí como é que começou exatamente as atividades no sentido de conseguir vagas, a partir desse momento que virou o Coletivo?

ZB: Dilene, eu não sei te dizer exatamente como começou, porque na realidade eu sou muito coadjuvante nisso tudo. Eu trabalhava, tá!? E quando eu tinha tempo livre eu ia pro movimento, mas eu não era, vamos dizer, cabeça pensante nisso. Eu era acompanhante, né!? Eu nunca tive nenhuma posição decisória (ininteligível). Então te dizer :ah, decidiu-se isso no dia tal, não sei te dizer. Aonde se decidiu o quê, em que momento, entendeu? Existem várias fases do movimento que eu foi acompanhando, mas eu nunca tive uma atitude de posição –Ah, bom, nós vamos fazer isso porque isso é melhor. Sempre acompanhei, sempre acatei sabendo de algumas coisas e acompanhando, ajudando de uma forma, vamos dizer, braçal. –Vamos fazer o quê? Ah precisa fazer isso? Então vamos lá.

DN: Tenta contar pra gente, como observadora desse movimento como é que se desenrolou, quais foram as fases que ele passou, é como é que foi o processo das pessoas irem se agregando a esse... No final formou um grupo?

ZB: Bom, no início era no diretório, né!? No diretório, meia dúzia de gatos pingados ali frequentando o diretório e sabendo da, de que A, B, C ou D ia ser aproveitado. De que um grupo ia ser aproveitado. E aí havia um bocado de gente ali frequentando aquilo ali para saber quem é que ia ser aproveitado. Depois que aproveitou um monte, né? Aproveitou gente pro outro ano, aí a coisa, é vamos dizer, quem sobrou começou a se agregar na expectativa de - Poxa, mas eles sempre aproveitaram todo mundo e pelo edital a gente tem direito. Ninguém nunca disse para a gente que a gente estava reprovado, então você tem direito, então tem que buscar o seu direito. Essa coisa era veiculada em jornal também, né!? Na época havia “Excedentes se reúnem...” “excedentes isso, excedentes aquilo”. A palavra excedente era uma palavra muito forte nessa época, que caracterizava

que havia um grupo que vamos dizer assim: teoricamente preencheu os pré-requisitos para ser aprovado. Ele apenas não coube dentro do local. Aí começou a articular, eu não sei, eu não me lembro cronologicamente o quê que vem primeiro, mas existe a fase de a televisão influenciar a mídia da época para olhar para aquelas pessoas e buscar uma solução, entendeu? Existe o programa Flávio Cavalcante.

DN: Existe Jorge Silvestre também.

ZB: Jorge Silvestre. Existe a fase do Rocco de criar uma escola, junta contas de luz, conta disso, conta daquilo. Quando a gente via estava catando conta de luz pra tudo quanto é lado, porque dali é que ia surgir alguma coisa, entendeu? Existe a fase em que o Passarinho prometeu que iria olhar pela gente, então vai-se a Brasília, busca por esse caminho. Até chegar a fase do grupo da Santa Casa que realmente tinha uma coisa estruturada no papel, tinha, era um corpo clínico de peso na época e que acabou dando origem a faculdade. Mas não havia uma entidade mantenedora, então a Santa Casa não podia ser. Então acabou caindo na mão da Souza Marques. Porque existem várias fases né!? Cada uma com uma história dentro dela, né!? Com história, com desdobramentos, com, é assim, coisas meio fantasiosas. Às vezes você olha pra trás: Como eu podia acreditar num negócio desses? Fantasiosas mesmo! Acreditar que juntando conta de luz, fazendo e acontecendo ia criar uma faculdade, né!?

DN: Mas é que aquelas contas de luz valiam dinheiro.

ZB: Pois é mais aquilo ia gerar dinheiro para criar uma faculdade? Por mais que se juntasse contas de luz como é que você vai criar um prédio, uma estrutura toda física, um corpo clínico baseado em contas de luz? Isso é delírio! Eu acho hoje. Na época, pô o quê eu pedi em conta de luz!

DN: você se empenhou em juntar, né!?

ZB: Muito, muito. Eu acreditava naquilo, aquilo era a solução. Aquilo era a solução para os meus problemas. Os problemas das pessoas que já estavam acompanhando a gente, entendeu? A televisão mandava doar, a gente foi para a televisão pedir conta de luz. O que pintou de conta de luz era um absurdo, mas é delírio! Delírio! O troço não existia no papel, era tudo assim delirante!

DN: Mas Campo Grande existia e o Rocco também.

ZB: Sim. Sim. O Rocco existia, ele tinha um plano, um projeto, mas ele não estava estruturado para isso. Quem estava estruturado era o grupo da Santa Casa. Eles tinham um projeto real., né!? Com quem vai dar aula, quem isso, quem aquilo. O Rocco não tinha isso. Que eu me lembre não tinha isso, olhando lá para trás, ou então eu não tinha conhecimento, entendeu? Eu acho que era bem fantasioso. A gente começou a achar depois, conforme o tempo foi passando – Pô, o cara quer esse dinheiro. A gente aqui está é trabalhando para ele angariar esses fundos aqui.

DN: Você sabe o quê que foi feito com essas contas de luz?

ZB: Não me lembro, não. Não me lembro. Medina deve saber.

DN: Ele disse que ficou lá com o Rocco.

ZB: Eu acho que ficou com o Rocco, a gente deu tudo pro Rocco, agora como se desdobrou isso eu não sei.

NT: Mas por que essa coisa com o Rocco, essa aliança com o Rocco se desfez?

ZB: Não sei te dizer. Eu acho que a gente começou a perceber que aquilo não tinha fundamento, não ia para a frente. Eu acho que a gente começou a perceber e começou a tentar com outro grupo estruturado, com pessoas, com professores conhecidos...

Fita 1 - Lado B

ZB: Houve um desgaste natural porque nada acontecia, entendeu? A gente recolhia conta de luz, tinha contato com o Rocco e depois começou haver uma certa, vamos dizer assim, insegurança em relação a ele, aos objetivos dele, se ele era um cara de caráter ou não. As pessoas começaram a achar que o cara não era de caráter. Que havia uma coisa alí que não estava claro para a gente, a gente começou a achar que estava sendo usado para aquilo.

DN: Esse Rocco, era irmão do Rocco que foi nosso professor?

ZB: Não sei te dizer, acho que sim porque era Rogério Rocco e Rodolfo Rocco. Acredito que sim.

DN: Mas esse grupo da Santa Casa já quase que organizado, né, para ser um corpo docente de uma faculdade, nesse momento também apareceu a Souza Marques, né!?

ZB: Não. A Souza Marques não apareceu nesse junto com isso não. Eu não sei te dizer o quê que havia, mas o ministério que casou isso aí.
(pausa)

NT: Na verdade a pergunta anterior era a Souza Marques se ela veio junto com a Santa Casa.

ZB: Que eu me lembre não. Que eu me lembre não. Eu acho que a Souza Marques tinha algum tipo de projeto, entendeu? E a Santa Casa tinha outra e eram coisas distanciadas. O ministério que se encarregou de juntar porque precisavam ter uma mantenedora e a Santa Casa não podia ser mantenedora daquele projeto daqueles professores. Exatamente o quê que a Souza Marques tinha de projeto nessa ocasião eu não sei te dizer, mas a Souza Marques entrou aí casada pelo ministério entendeu? E aí meio que entrou de mantenedora, mas só de nome porque tudo foi bancado pelo ministério. Tudo, tudo! Prédio, instalações, dinheiro para começar...tudo foi bancado pelo ministério da educação.

DN: A reforma no prédio né!? Não o aluguel do prédio, o aluguel a Souza Marques é que pagava. É toda obra que foi feita no prédio foi, foi...

ZB: Não, a obra eu tenho certeza. Porque aquilo lá estava abandonado, fechado a muitos anos. Então a estrutura era muito ruim. Tinha que criar toda a estrutura física de laboratórios, então a obra eu me lembro bem. Me lembro que a Santa Casa, que o ministério ia pagar para a Souza Marques uma quantia X por mês para manter a gente como aluno lá, né!? Mas não me lembro se eles pagavam aluguel naquela época, eu acho que até uma certa fase eles não pagavam aluguel, não. Eu acho que até o término da primeira turma tudo era bancado pelo ministério. Francisco de saber desse detalhe. Eu me lembro bem da obra e de um percentual para receber aqueles alunos, mas se eles pagavam o aluguel eu não sei te dizer, entendeu?

DN: Ô Zoraide, você falou que você era “acompanhante”, né, não foi esse termo que você usou? Você não era liderança, você era...

ZB: Não, eu não era liderança não, eu acompanhava.

DN: Você era “acompanhante, você nao era liderança. E quem era a liderança?

ZB: A liderança para era Chico.

DN: Chico. Francisco Medina.

ZB: Para mim Chico era a lidença.

DN: E só ele?

ZB: Não. Havia outras pessoas que acabaram ficando lá na Medicina e Cirurgia, entendeu?
(pausa)

DN: Zoraide, então você estva falando que a liderança estava toda no Chico, Francisco Medina.

ZB: A liderança do início sempre foi Chico. Mais longe que eu me lembro foi Chico.

DN: Você disse que identificaria também alguém, algumas pessoas que ficaram na Medicina e Cirurgia.

ZB: Algumas pessoas que ficaram na Medicina e Cirurgia: Navarro, né, que era figura bastante presente. Havia uma menina, Sônia.

DN: Sônia Ladeira.

ZB: Sonia Ladeira.

DN: Ela também foi para a Medicina e Cirurgia?

ZB: Foi para a Medicina e Cirurgia.

DN: José Celano você se lembra também?

ZB: Esse eu não me lembro dele não. Sonia ladeira eu me lembro bem.

DN: Albimar você lembra?

ZB: Não, também não me lembro desse Albimar não. Eu lembro muito do Navarro, o Navarro se aproximou muito de mim. A gente batia papo. Sonia Ladeira também, mas esses dois aí que você citou eu não me lembro. Eram pessoas que estavam presentes, mas liderança sempre foi o Chico. Desde o início foi o Chico, depois obviamente foram aparecendo outras figuras, né!? Ney foi aparecendo...

DN: O Ney veio depois?

ZB: Veio depois. Não me lembro do Ney no início não. Talvez...

DN: Quem você se lembra assim no início...

ZB: Eu me lembro Chico, Sônia, Navarro, aquela menina que morreu, Suzana (ininteligível)...Quem mais?

DN: Esther, Edson?

ZB: Esther e Edson são depois, não são do início, início não.

DN Você esteve desde o começo. Como acompanhante, mas desde o começo.

ZB: Como acompanhante desde o começo, desde o iníciozinho do negócio.

DN: Você fazia como? Você disse que dava aula de manhã, todo dia você ia para lá.

ZB: Todo dia eu ia para lá. Todo dia eu batia ponto na Medicina e Cirurgia. Fiquei amiga do pessoal do diretório, gravei um negócio lá que eles precisaram de alguém para gravar uma voz chamando alguma coisa. Alguma coisa do próprio diretório. – Pô, deixa que eu gravo. Aí gravei imitando a (ininteligível), não falei que na época eu gostava do microfone, gostava de cantar? Aí eu gravei isso e fiquei, fiz amizade com as pessoas do diretório, Margarete, aquele menino que foi preso, algumas pessoas do diretório... Até cruzei com uma moça, que eu não sei o nome dela, ela virou, às vezes eu cruzei com ela em Botafogo, ela mora em Botafogo, a gente se fala, mas eu não me lembro o nome dela. Dessa época da Medicina e Cirurgia, do diretório da Medicina e Cirurgia.

DN: Zoraide, a sua mãe também é uma pessoa que está muito na memória de todo mundo, né!? Ela também esteve lá desde o começo? Ela ia lá?

ZB: Não, minha mãe não ia lá não. A minha mãe recebia as pessoas na casa dela. A gente ia muito pra minha casa já, não na época é...Algumas vezes na época das reuniões, que passava lá em casa – Vamos lanchar, vamos comer alguma coisa. E depois quando a gente começou a estudar a gente estudava lá em casa, então a minha mãe recepcionava o pessoal em casa né!? Mas lá na Medicina e Cirurgia eu não me lembro da minha mãe não. As pessoas conhecem a minha mãe receber o pessoal em casa.

DN: Vamos tentar então fazer um exercício de memória no sentido de...identificando as pessoas que foram aparecendo. É...E o Guido, por exemplo, José Guida Magaro é uma pessoa que também na memória exerceu uma liderança...

ZB: muito forte, muito forte.

DN: inclusive na mesma medida que o Chico, não só...

ZB: É. Havia até uma certa rivalidade.

DN: Não só durante essa luta, como durante a faculdade toda também né!? Como é que você vê? Você disse que o Guido não estava desde o começo.

ZB: Eu não me lembro dele, dizer que não estava eu não posso dizer. Eu não me lembro dele, né!? Eu me lembro dele mais adiante, no iniciozinho eu não me lembro dele. Te dizer assim em que momento o Guido apareceu, eu me lembro do Guido na época que a gente começou a ficar dentro do que seria a faculdade.

DN: Lá no porão da faculdade?

ZB: Não. Não, não. No que ia ser a faculdade, no terreno e naquela estrutura velha. Eu me lembro do Guido a partir dali. Antes eu não me lembro do Guido.

DN: Mas ele estava antes, ele estava no diretório acadêmico.

ZB: Certamente, mas ele não me despertou atenção. Eu era muito ligada no Medina, entendeu? Eu era muito ligada no Chico. O Guido eu não me lembro do Guido, mas a visão do Guido já é dentro da faculdade. No que ia ser a faculdade, entendeu? Nas reuniões que a gente fazia na faculdade, lá no meio do quintal lá da faculdade, entendeu? Onde depois se instalou o canteiro de obras, ali começou a me lembrar do Guido, antes disso eu não me lembro.

DN: Bem, na verdade isso já é 69.

ZB: Sim, mas em 68 não me lembro do Guido.

DN: Em fim de 69 já começou, já se decidiu por aquele prédio né!?

ZB: Eu não me lembro do Guido antes entendeu? Eu me lembro de outras pessoas. Eu me lembro de Barbarela, me lembro da Suzana, me lembro do Navarro, da Sônia Ladeira...

DN: Do Paulo Palliareli você lembra?

ZB: Palliarelli, claro! Claro!

DN: Do Jesus?

ZB: Jesus, sim também, com muito mais cabelo do que ele tem hoje.

DN: Com algum cabelo, hoje ele não tem quase nenhum. (risos)

ZB: Ele era muito bonito naquela época. Palliarelli eu me lembro bem.

DN: Quem mais você lembra, Zô?

ZB: Deixa eu lembrar. Ney, Ney Bocão, mas também não sei te dizer em que época Ney aparece na história né!? Esther.

DN: Popó?

ZB: Popó! Popó também começa um momento aparecer com muita frequência. Eu acho que não era lá pra diante não, no meio termo ali. Palliareli bem no início. Jesus também bem no início. Popó já um pouco mais adiante.

NT: Vocês se reuniam em 1969 no Diretório de Medicina e Cirurgia e o quê faziam? Como é que era essa reunião? O que vocês deliberavam...

ZB: A reunião geralmente era informal, no início era muito informal. Iam chegando as pessoas ia agregando né!? Aí era sempre aquela coisa – Não, ouvi falar, soube disso. Cada um vai dando um informe alí, dentro do seu universo quê que ele conseguiu descobrir. – Eu soube que vão admitir um bocado, vai sobrar um bocado para o segundo semestre, mas tem um grupo que não está em nenhum desses grupos. Porque a coisa era informal, depois a gente começou a combinar –Então amanhã eu passo aí, você vai estar aqui? Então a coisa começou a se articular.

DN: A se organizar.

ZB: A se organizar né!? Você já sabia que num determinado horário você ia encontrar com as pessoas e saber o quê que aconteceu, se tinha alguma coisa nova, se tinha algum evento novo, até que as pessoas começaram a entrar e aí você começou a perceber que está sobrando. Aí começa a se articular de verdade. – Pô, pra onde que a gente vai? Em que porta que a gente vai bater? É dessa maneira que eu vejo isso, no início era bem informal, depois não. Depois as pessoas começam a se articular de verdade, combinar horários, combinar quem vai aonde, dividir tarefas. Essa coisa começa desse jeito.

NT: E o custo? O custo assim, de quem vai aonde. O transporte, a comida.

ZB: O custo sempre vaquinha. Sempre vaquinha. Quem tem divide, entendeu? Algumas vezes cada um coloca o seu próprio –Ah, não, fulano não tem. Então vamos juntar aqui, quanto cada um vai dar. É - Pô, precisamos comprar papel. – Pô, dá quanto? –Dá um. Não era real, um cruzeiro, mudou tanto. –Dá um cruzeiro. Digamos que fosse o cruzeiro naquela época. –Dá um cruzeiro, dois cruzeiros. –Ah! Não tem nenhum hoje. –Ah, então amanhã você dá, entendeu? – Pô, vamos comer? –Vamos. Eu trouxe, eu tenho um sanduíche vamos dividir. Isso era muito, muito dividido, sabe? Um ajudando o outro.

DN: Agora você falou que aí vocês começaram a se articular, se organizar na verdade e definir previamente as tarefas, quem vai para onde...

ZB: É, quem vai pro jornal...

DN: Você lembra as suas tarefas ao longo desse processo?

ZB: Eu nunca tive muitas tarefas não.

DN: Sua tarefa era mais ficar lá no diretório.

ZB: Mas ali porque eu tinha a história do trabalho, entendeu? Então eu nunca tinha a tarefa assim: nós vamos pro jornal. Pô, mas jornal tá num horário que eu tenho que estar dando aula lá em Santíssimo, então não posso ir. Em Jacarepaguá que eu dava aula. -Mas eu venho prá cá de tarde pra ver... Deixa alguma coisa aí que eu faço. -Ah, você pode ir de noite na televisão? -Ah, posso. Mas não posso chegar muito tarde em casa, entendeu? Chegou uma época que a gente foi a Brasília. Eu fui a Brasília, eu, Chico e Barbarela. Provavelmente eu devia estar de férias, algum espaço (ininteligível) que eu fui a Brasília. O trabalho era importante para mim do ponto de vista econômico, entendeu? Então eu não podia abrir mão daquilo -Ah, amanhã não vou trabalhar para poder ficar aqui. Não tinha como, então era sempre conciliando. Sempre conciliando um horário com outro. - Ah, vai num jornal para colocar uma nota? -Não posso, não posso no horário de manhã porque isso é redação. Se for de tarde eu vou junto, vamos lá junto pra falar alguma coisa, pedir para botar uma notinha, mas de manhã eu não posso, entendeu? Era sempre tentando conciliar o trabalho (ininteligível), Medina não trabalhava, que eu me lembre Palliareli trabalhava com um estágio de fotografia, então tinha um horário mais flexível, o Jesus também não trabalhava, Popó não trabalhava, então tinha que conciliar, né!?

DN: Na verdade a maioria do núcleo, né, não trabalhava, então tinha mais disponibilidade mesmo para estar lá, né!? Agora, Zoraide, você disse que o Guido... Me deixou até um pouco curiosa isso. O Guido apareceu mais adiante já quando se faziam as reuniões...

ZB: Pra mim, eu não me lembro, eu não me lembro.

DN: Não, não. Tudo bem, pra você, pra você já...

ZB: Eu não lembro do Guido na Medicina e Cirurgia, não consigo me lembrar.

DN: Já lá no prédio da rua do Catete nº 6, então estando ele ou não desde o começo o que importa é que você não viu ele. Você passou pelo Guido a partir desse momento das reuniões.

ZB: Não. É, eu via muito o Chiquinho, a gente era muito próximo, muito ligado, entendeu? Eu não me lembro da figura do Guido, acredito até que ele estivesse lá! Certamente que estava, mas ele nunca me chamou a atenção. A idéia, vamos dizer assim, a lembrança mais remota que eu tenho do Guido é lá no futuro campus, né!?

DN: Pois é, exatamente por isso quer dizer, digamos que o Guido estivesse desde o diretório da Medicina e Cirurgia e você só veio perceber o Guido já na Faculdade Souza Marques, né!? Como é que você vê essa coisa de ele ter sido liderança igual ao Chico, durante, a partir daí, quer dizer durante a faculdade toda? Durante o curso todo da faculdade.

ZB: Eu acho é, a minha análise é que o Guido, quando ele começa a aparecer para mim na história é que ele era um cara, vamos dizer assim, menos emocional que o Chiquinho. O Chico sempre foi a emoção da coisa e o Guido a razão da coisa, entendeu? No momento que ele aparece ele aparece tipo: vamos botar as coisas no lugar, como vamos botar o coração um pouco pra cá e vamos começar a organizar a coisa de uma forma racional. Então ele falava, organizava e depois entrava o Chico com uma coisa mais inflamada, entendeu? De vez em quando eles se pegavam, se desentediavam, porque um era a razão o outro a emoção e sempre acabava entrando em choque, mas eu acho que ele começa a parecer como alguém que está tentando organizar o negócio, dar uma forma organizativa pro negócio. Não que não houvesse organização, mas é a visão que eu tenho dele, entendeu? Da razão e da emoção, tipo um...

DN: O Guido não se alterava?

ZB: Não! Nada mexe com o Guido, acho que até hoje, sei lá! Não sei se ele hoje ele já perdeu a compostura.

DN: Não, hoje mexe porque ele está se negando...

ZB: Sim, mas naquela época ele não perdia a compostura, ele era um cara assim, aquela coisa quase que gélida. Conversava com todo mundo, super educado, super formal, é...Ele era um cara já mais velho, mais maduro do que aquela garotada. Deve ter aí no mínimo cinco ou mais anos do que todo mundo e aí ele era a razão. Ele era a estrutura física da coisa, aquele cara que –Não, nós vamos aqui, nós vamos acolá, nós vamos fazer isso, vamos dividir em grupo, não sei o que, entendeu? Ele, isso, vamos dizer assim, essa estrutura balançou. Isso balançou com a estrutura do movimento porque havia claramente duas lideranças. Embora as duas trabalhando na mesma coisa, cada um por um caminho...

DN: As duas tinham a mesma meta?

ZB: A meta era a mesma, mas a estratégia...

DN: Mas a estratégia era outra, né!?

ZB: A estratégia era muito diferente, bem diferente! Alterava de vez em quando porque a estratégia era diferente. Certamente se você for olhar hoje: razão e emoção. Tranqüilamente eu vejo hoje.

DN: Zoraide, você disse que sempre acreditou que ia conseguir estudar medicina a partir desse vestibular, não houve nenhum momento que você duvidasse?

ZB: Certamente que sim, né!? Aquele momento que você deita e começa a pensar na vida- Pó, to nisso, isso não anda, não vai para frente, mas vou lá de amanhã de novo. Vou lá amanhã de novo, eu não me inscrevi para lugar nenhum, não estou fazendo cursinho, vou lá amanhã de novo, entendeu? Tudo é uma coisa mais ou menos cíclica de um troço que está amarrado, mas que você olha –Pô, fulano entrou, o ministro disse que a gente vai entrar, ele vai nos ouvir, entendeu? Tem lá o cara da conta de luz, na época era uma coisa assim, na cabeça da gente ótima. Vai criar uma faculdade lá em Campo Grande e a gente vai estudar lá, entendeu? Você acaba acreditando sempre e depois que a coisa

começa a ganhar corpo, por que não acreditar? Aí, pô ta ali desde o início, agora vou pular fora? Não continua acreditando. Vai acontecer, vai acontecer! Não é assim num dia.

NT: E o grupo começou a acionar a mídia logo no início...

ZB: logo no início...

NT: ou com as contas de luz?

ZB: logo no início, logo no início. Logo no início já havia essa coisa do excedentes de ir -Pô, vamos lá falar que a gente está se reunindo na Medicina e Cirurgia, tentando uma vaga, ficar na mídia...

DN: Saia no jornal?

ZB: Saia no jornal, saia no jornal, ficar na mídia pra não cair no esquecimento.

NT: Isso é no início de 69, assim?

ZB: É bem no início, bem no início. É bem difícil dizer assim: a na metade do ano... Bem no início a coisa aparecendo já no jornal naturalmente. Tanto, seiscentos, setecentas pessoas...

DN: Desde janeiro de 69 que tem matérias?

ZB: Desde o início aparecendo, aí começa a entrar, começa a entrar e você: bom, não pode esquecer de mim. A gente tem que ir lá dizer que está sobrando. Entrou um bocado, mas tem um bocado que só outro ano e tem outro bocado que não tem perspectiva, entendeu? Então essa coisa de buscar a mídia da época era basicamente jornal, a televisão não tinha na época essa força que tem hoje, né!? A mídia mais importante era o jornal, então todo mundo buscava ir ao jornal era o basicamente o Jornal dos Sports que dava notícia do que estava acontecendo ligado à educação, então frequentemente se ia ao Jornal dos Sports. Até porque era muito perto, né!? Era muito próximo, era fácil de...

DN: Onde era a sede do Jornal dos Sports?

ZB: (initeligível) onde hoje é a DIX, já foi AMIL e hoje é a DIX. Ali era o prédio do Jornal dos Sports, pintaram de rosa inclusive né!? Era praticamente atravessar a rua.

NT: E você lembra de ter sofrido, do grupo ter sofrido alguma repressão do governo, da faculdade de Medicina e Cirurgia, algum tipo de repressão?

ZB: Olha, a época era tumultuada, né!? A época era complicada e havia, eu acho que havia mais medo da gente de ser reprimido do que repressão para a gente real. Eu acho hoje, né!? Que na época pra gente...

DN: A gente que você diz é o grupo lá dos excedentes?

ZB: Grupo dos excedentes. Havia repressão nos Diretórios, no diretório da Medicina e Cirurgia, único diretório aberto eu presenciei o Carlinhos ser preso no casamento dele lá em Volta Redonda. Então havia um medo, vamos dizer assim, em função do que existia...

DN: Que Carlinhos?

ZB: Era o presidente do diretório na época.

DN: Como era o nome dele, você lembra o nome dele?

ZB: O resto do nome dele eu não sei. Naquela coisa de ficar muito ali de convivência, né!? Com o Carlinhos nem tanto, mas com outras pessoas... O Carlinhos ia casar em Volta Redonda e alguns de nós foi ao casamento dele e ele foi preso. O exército invadiu a casa e o prendeu e a gente presenciou aquilo no casamento, e a gente presenciou aquilo e a gente teve medo. Pó, a gente tá aqui fazendo um manifesto, um movimento, né!? Até que ponto a gente pode sofrer alguma agressão também a gente não tinha noção, entendeu? Eu acho que, assim olhando para trás hoje eu não vejo nada real, eu acho que a gente temia mais do que a realidade existia. Hoje a gente olha pra trás e falava: fulano era infiltrado, beltrano era infiltrado e tinha tanta gente infiltrada, que eu acho que se essas pessoas eram realmente infiltradas eles estavam super informados de que não havia complô ali, entendeu? Não havia aquela coisa de ser contra o governo, não sei o quê. Não. A gente queria era estudar.

DN: Não havia nenhum questionamento do governo, nada? Não havia nenhuma ação contra o governo?

ZB: Não acho que houvesse ação propriamente dita, não. Quando a gente foi a Brasília o Medina disse que mexeram nas coisas dele onde a gente estava. E aí a gente ficou com aquele medo né, de... A gente foi no Ministério, rodamos, fizemos algumas coisas, e aí quando voltamos Medina –Não, mexeram nas minhas coisas. Nós ficamos com medo de retornar para onde a gente estava.

DN: Era no diretório acadêmico da Medicina e Cirurgia?

ZB: Não. Lá em Brasília.

DN: AH! Lá em Brasília.

ZB: Era alguma coisa também ligada a universidade. Então o que acontece? É...Ficamos rodando na cidade, hoje você olha pra isso e pensa: eu sou muito mais vulnerável no meio da cidade, rodando numa cidade que você não conhece de madrugada!

DN: É mais em se tratando de Brasília vocês estariam mais vulneráveis na Universidade de Brasília. Se era...

ZB: Eu não me lembro exatamente aonde que a gente ficou, Dilene, mas eu me lembro, eu hoje eu olho e nós estávamos extremamente vulneráveis. Ficar andando uma madrugada inteira, entendeu? Achando que alguém entrou e mexeu e a gente pode ser preso. Se alguém quiser prender a gente vai prender e ponto, entendeu? Havia uma coisa muito, eu acho que a gente, era uma ansiedade tão grande, um medo tão grande pela

estrutura que havia de perseguição que de repente você se achava inserido naquele contexto de ser perseguido, né!? E você criava esses mecanismos de não, não vamos em tal lugar porque, não vamos não sei o quê, dispersa vai não sei quantos para cá, não sei quantos para lá, mas até que ponto a gente foi perseguido eu não sei te dizer não. Na real, que existisse real eu não sei te dizer, depois de um certo tempo a gente foi obrigado a sair da Medicina e Cirurgia, fecharam o diretório, entendeu? Aí a coisa mudou de figura. Aí, mas não era para o grupo...

DN: Não era por causa de vocês.

ZB: Não, não. Nós não éramos o foco do assunto ali, o foco era o próprio diretório, era o Meirelles que era o diretor da faculdade, que era o general, aquela coisa própria daquela situação, daquela conjuntura ali, nós não. Não, não acredito que a gente tivesse no foco nenhum momento. Há muito de fantasia disso tudo porque você não tem a realidade em nada. Então você fica com o que você quiser, entendeu? E dentro do seu medo, dentro do seu terror você pode se achar perseguido, você pode se achar seguido, entendeu? Mas se tem metade das pessoas que eles dizem hoje que eram infiltradas, todo mundo sabia que a gente era do bem. Super bem, queríamos estudar, entendeu? Não estávamos envolvidos com nada, nenhum diretório direto realmente de alguma ação.

DN: Nem ninguém era de nenhum partido?

ZB: Nessa época eu não me lembro ninguém envolvido com nenhum partido não. Até talvez tivesse, gente de tudo quanto era lugar, gente de tudo quanto era idade, gente mais jovem, gente mais velha, de tudo quanto era formação...

DN: Não, nesse núcleo.

ZB: Desse núcleo que eu me lembre não. Chico não era, eu não era, Ney não era, Esther não era, a gente era tudo um bando de bobalhão, tudo muito jovem pra... Ainda não estávamos articulados entendeu? A gente ainda não tinha aquela coisa do estudante das universidades, a gente ainda era estudante de colégio. Não me lembro de nenhum de nós que tivesse pertencido a UNE, pra dizer assim: não, já veio com alguma coisa de UNE, então está articulado. Não me lembro. Nunca ninguém mencionou que fosse da UNE, que tivesse, que fosse...

DN: Pensando bem esse grupo, esse núcleo nenhum tinha experiência universitária ainda, né?

ZB: Não. Nenhum tinha experiência universitária...

DN: Todos estavam fazendo vestibular pela primeira vez.

ZB: Todos estavam fazendo vestibular pela primeira vez. Nenhum tinha tido a experiência de ter sido alguma coisa.

Fita 2 - Lado A

ZB: Não lembro de ninguém ser articulado assim em centros estudantis, entendeu? Ah! Eu vim do Pedro II, mas não fazia parte de nenhum centro estudantil. Existia lá, mas eu não estava envolvida com nada daquilo. Eu ia trabalhar de dia e de noite eu ia para a aula e ficava ali com meu grupo da aula. Existia já algum centro estudantil com algumas atividades no Pedro II, mas eu não tinha nenhuma ligação com aquilo, né!? Eu era do Instituto [Ga____], e o Instituto [Ga____] então é que não tinha articulação de nada. E não me lembro de nenhum ter dito alguma vez que pertencesse a algum grupo. Para dizer: Ah! Havia uma experiência previa. O cara está aqui já porque ele já se articulava antigamente, politicamente no seu colégio e aqui ele vai desdobrar isso. Não tenho nenhuma informação dessa época. Tenho informação do Guido que ele era funcionário da UNE. Ele era alguma coisa, ele trabalhava na UNE. Não era da UNE como estudante. Ele era funcionário da UNE. Era ...

DN: Mas essa informação se tinha desde o começo? Ou melhor, desde que ele apareceu (parte ininteligível) ?

ZB: Acho que desde que ele apareceu. Desde que ele apareceu. Que eu me lembre eu já sabia disso. No momento que o Guido apareceu como pessoa, já apareceu com o rótulo “ele é da UNE”. Mas ele é da UNE o quê? Ele mora lá? Quê que ele faz lá? Não, ele trabalha lá. O Guido já veio com esse rótulo, então já era um cara que trabalhava, articulado, sabe assim...Mas velho e por que ele começou a conseguir essa liderança e começou a participar e tomar decisões, entendeu ? O resto era muito mais jovem, sem experiência profissional, sem experiência outra que não seja ser estudante. Estudante mesmo, para fazer vestibular.

DN: Agora, Zô, já chegando perto da criação da faculdade. Tinha um prazo para iniciar a faculdade porque senão ia cair em exercício de (ininteligível), né!? O vestibular ia perder a validade.

ZB: se não me engano eram dois anos.

DN: É. E se criou aquela matrícula provisória. Na verdade eu queria saber de você um pouco mais assim...Com relação ao seu sentimento mesmo em relação a isso. A matrícula provisória mesmo te deu alguma segurança da matrícula?

ZB: Sim. Sim. Eu acreditava tanto naquilo, entendeu? Eu tinha certeza que aquilo, a partir daquele momento, entendeu? Que começou, “aqui vai ser o prédio, aqui isso, aqui aquilo”, aí começou a vir uma certeza tão grande que nunca mais pensei o contrário. E essa certeza você acha que vinha da onde? Eu acho que da estrutura da gente de correr atrás, de brigar, entendeu? Eu acho que a gente acreditava muito na gente. Independente da estrutura física e da organização no papel, da faculdade, eu acho que era a credibilidade no sonho. Acreditar que aquilo ia se tornar realidade. Eu acho que a gente percebia que a gente estava se aproximando de concretizar aquilo, daquela luta, daquela briga, daquelas noites mal dormidas de correr pra lá, de correr pra cá de se fazer presente, de mostrar para as pessoas: “Olha! A gente existe! A gente tá aqui querendo estudar.”. Eu acho que isso, isso a medida que a faculdade foi se estruturando a matrícula era como se fosse quase que o ponto final disso aí. Não dá para voltar atrás. Agora vai existir. Eu me lembro na época da matrícula provisória que o que a gente correu atrás de gente. “Pô tem fulano, tem beltrano tem que vir fazer a matrícula. Quem conhece, quem tem o telefone?” Entendeu? De articular para puxar todo mundo. Gente que derrepente vêm, comparece a algumas

reuniões, participa de alguma coisa e por alguma razão desaparece, entendeu? Fica um período sem vir. Então vão se lembrando das pessoas. “Você conhece esse nome aqui?”. “Ah! Ela teve aqui uma ou duas vezes, mas não me lembro mais dele não.”. Aí você vai procurando quem conhece. “Pô chama o cara, manda ele vim fazer a matrícula, se não vai perder.”. Entendeu? A preocupação nessa época de buscar as pessoas que estavam naquela lista. Gente que você nunca tinha visto. Gente que estava estudando já em outro lugar. “Pô, você vai abrir mão dessa vaga?”.

DN: Na verdade o tempo todo tinha o que fazer para alcançar esse objetivo, né!?

ZB: Sim. Sim.

DN: Ao longo desses dois anos...

ZB: Todo dia você tinha coisas para fazer. Todo dia. Nem que fosse tomar coca-cola com um tipo de sanduíche. Aquilo começa a ficar incorporado em você, entendeu? É quase que viciante. “- Pô, eu tenho que ir lá para saber o quê que houve. – Mas não mudou nada! – Mas eu tenho que ir.”, minha mãe falava “pô, você vai de novo lá? –Vou! Eu tenho que saber, tenho que saber o quê que houve, quê que aconteceu de ontem para hoje. Pode ter uma notícia. Você tem que ir, tem que estar presente. Se eu não for pode algo acontecer e eu não tomar conhecimento. Eu tenho que ir”. Muitas vezes a gente se reunia e pra mim os informes eram os mesmos! Mas você vai e aquilo vai tomando corpo e começa a ser uma necessidade aquilo, de tá ali presente, de saber o que está acontecendo, entendeu? Participar!

DN: E além desse núcleo, Zoraide, compareciam muitos excedentes nas reuniões?

ZB: Muitos, muitos! Quando começou a tomar corpo foi aumentando, entendeu? Foi aumentando, claro, às pessoas vão começando a ouvir e aí começam a aparecer gente. Começa aparecer gente que você nunca viu. “- Pô, quem é esse cara heim? – Eu acho que ele é infiltrado. Acho que é alguém do DOPS.”. Tinha muito isso. (risos). Outro dia um cara que eu nunca vi...

DN: (risos). Qualquer um com comportamento estranho ou estranho...

ZB: Qualquer um com comportamento estranho ou estranho, que você nunca viu...”Não sei quem era, não. Será que não era alguém do DOPS?” Aí alguém, o Luiz Carlos sabia quem era “- Ah! Tá aqui na lista. – Pô, nunca apareceu. – Tá aparecendo agora!” Ouviu falar da faculdade, que a faculdade estava tomando corpo e aparecia. Começou aparecer mais gente, aí outras pessoas vão surgindo. Aquele desgaste natural, é como um soldado né!? Tem uma fileira, aí essa fileira morreu, aí vem outra fileira. Aí já vem a fileira que vai fazer comida, aí aparece Vera Baiana, começa aparecer, outras pessoas começam a aparecer e com trabalho importante, entendeu? É como se você tivesse um batalhão e pô cansou fulano, cansou beltrano, desgastou, passa aqui para a retaguarda e já tem outro grupo fresquinho para trabalhar.

NT: A primeira oportunidade de criar uma faculdade foi com o Rocco que era professor da Escola de Medicina e Cirurgia, mas ele chegou ao diretório, ele é que procurou? Ele tinha uma fundação, né!?

ZB: Eu não sei te dizer como que isso aconteceu. Como que se chegou ao Rocco. Isso eu não sei te dizer.

NT: Mas além também de serem pedidas as contas de luz, foram feitas assim, pelo menos um baile...Foi feito pelo menos um baile.

ZB: Eu me lembro vagamente desse baile.

NT: Onde tinham convites, vocês vendiam convites. Era a Alcione até que...No Sírio Libanês.

ZB: Eu me lembro muito vagamente disso. Não posso te dizer nada sobre isso.

NT: Tá. Mas quais outros meios assim, eram feitos para a sociedade?

ZB: O que é muito forte para mim é a história da conta de luz. Esse baile você falando aí eu começo a me lembrar, mas muito vagamente. Não sei te dizer de outras fontes de renda, para gerar dinheiro, não me lembro. Não lembro.

DN: Só o dízimo das reuniões. Era igual o dízimo, todo mundo ia lá e pingava um pouquinho.

ZB: Era um pouquinho de cada um né!? Dividindo um pouquinho de cada um que era para poder manter aquilo, né!?

DN: Agora, Zoraide, você participou da discussão, porque segundo Chico também, todo o planejamento didático, digamos assim, da faculdade vocês tomaram parte de alguma forma. Você participou disso? O Vinhaes, o Dolly...

ZB: Não. Diretamente não.

DN: Não? Dessas discussões do planejamento acadêmico. Não.

ZB: Não. Nuca, nuca.

DN: E qual foi a emoção quando começou a escola?

ZB: Cara, eu, eu acho que depois de um certo tempo eu consegui assim, chorar, dormir, entendeu? Foi um... Não cabia em mim, entendeu? Ver que aquilo que (ininteligível) de dois anos foi coroado com a faculdade, não dava para acreditar. Realmente não dava para acreditar. Uma emoção muito grande, muito grande mesmo. Uma coisa assim fantástica. Eu vivia dentro da faculdade. Todo tempo que eu tinha eu estava dentro da faculdade. Aquilo ali era a minha casa. Às vezes eu saía da faculdade 4 horas da manhã. A gente ficava ali em frente estudando, dentro da taberna da Glória. A faculdade fechava a gente ia para a taberna da Glória. Abria a gente estava lá. Tomava café na padaria ou comia alguma coisa na taberna da Glória e estava lá. Todo tempo que eu tinha era dentro da faculdade. A faculdade era quase que uma casa, né!? Eu dormia em casa, tomava banho, eu não tinha roupa dentro da faculdade, mas a minha vida...

DN: Só faltava ter um armário.

ZB: Só faltava ter um armário. A faculdade era, era uma coisa assim super, super, super importante. A emoção de ver aquilo funcionar foi muito grande, foi muito grande.

DN: Você lembra da aula inaugural?

ZB: Não.

DN: Há de ter havido

ZB: Deve ter havido, mas eu acho que...Eu acho que eu estava curtindo mais os jardins. (risos). Provavelmente eu estive lá, mas eu acho que eu devia estar muito dispersa pela própria situação, entendeu? Deve ter tido, mas eu não lembro. Eu acho que a situação assim de... Sabe? Eu me lembro da gente abraçar as pessoas, de chorar junto. Isso eu vivi mais. A aula eu não me lembro não. O Medina deve saber, o Guido provavelmente sabe desses detalhes.

DN: É quem sabe, né!? Quem deve saber.

NT: 175 não foram absorvidos na Escola de Medicina nas duas vezes. Eles depois foram sempre tentando entidades mantenedoras privadas. Não incomodava o fato de não ser feita uma luta por uma universidade pública, gratuita e sim ser uma universidade só para os cento e setenta e cinco. Ainda que não pagassem o fato se restringiria a esses e assim daria continuidade a uma escola particular?

ZB: Na época a escola pública era o forte. Você não tinha universidades particulares como você tem hoje, uma em cada esquina. Literalmente, o cara tem uma série aqui e abre dentro de um shopping daqui, dum shopping...Isso não existia. É claro que a preocupação era de estudar em alguma coisa que fosse público, e alguma coisa que não se pagasse. Até porque eu acho que, pelo menos aquele núcleo, não era um núcleo que tivesse posses, não eram bem nascidos. A menos a Esther que tinha uma situação melhor...

DN: A Esther e o Jesus também.

ZB: E o Jesus que era filho de fazendeiro. O grosso era gente com uma situação financeira de média para baixo. Havia uma preocupação de estudar em alguma coisa que fosse pública, que o governo mantivesse. Mas não havia a preocupação de abrir uma escola...Ah! Que vai ser uma escola, que vai virar uma escola particular ou...Não havia essa preocupação. Havia a preocupação de estudar, entendeu? E de estudar em alguma coisa que o governo mantivesse. Se isso vai ser amanhã uma escola que vai dar origem a alguma coisa, uma escola que vai ter nome, uma escola que vai se tornar um expoente não havia essa preocupação não. É isso que você queria saber? Não sei se eu respondi.

NT: É sobre o processo de privatização das escolas, como é que era esse movimento. Assim, se desse grupo de estudantes não incomodava o fato de saber que só seria...

ZB: Não acho que não. Porque a gente não se preocupava em estudar em uma escola privada. Ainda havia aquela...

DN: Não tinha essa discussão do público X privado.

ZB: Não, ainda não. Até porque essa coisa não era polarizada como é hoje, entendeu? Quase todas as escolas eram públicas.

DN: Quer dizer, não tinha essa discussão nesse grupo. Porque já se discutia privatização de ensino.

ZB: Sim, provavelmente sim, entendeu? Mas essa coisa não era tão...

DN: Mas não era tão grave como é hoje.

ZB: Não era do nível que é hoje entendeu? E não havia da nossa parte enquanto movimento a coisa de vamos estudar nem que a gente pague. Não, a gente não quer pagar. Nós somos público, nós vamos ser público até morrer, entendeu? Alguém vai pagar, se alguém vai pagar pela gente é o MEC porque nós estamos nessa situação porque nós somos oriundos de uma escola pública.

NT: Mas era um movimento que só queria realmente responder os anseios daqueles 175, não buscava assim uma...

ZB: Só. Naquele momento era só isso, entendeu? No momento em que passou a existir a faculdade aí já começou haver outra preocupação, entendeu? Então o que vai ser essa faculdade daqui à alguns anos? Ela vai marcar um espaço, ela vai se projetar, entendeu? As pessoas que saírem daqui elas vão projetar o nome da faculdade? A mantenedora vai fazer essa faculdade crescer, entendeu? E ocupar algum lugar nesse grupo de faculdade de medicina? A partir do momento que a faculdade começa a existir aí muda o foco. Entendeu? O foco é da projeção da faculdade, se aquela faculdade seria uma boa faculdade, seria só aquele grupo, se quem entrasse depois ia ser, também, dá continuidade nas ideias de ensino de qualidade, entendeu?

DN: E essas, essas reflexões, esses questionamentos eram discutidos aonde?

ZB: É...A pequenos grupos.

DN: Nos jardins, diretórios?

ZB: Não, não tinha...No início da faculdade...

DN: Não eram questões que vocês levavam de alguma forma para (ininteligível).

ZB: Depois que a gente começou o diretório a gente começou a pensar o futura da faculdade. Aí de exigir de Cascadura que mantivesse o pagamento dos professores em dia, que havia a coisa do pagamento para os professores que estavam lá, que eram pessoas qualificadas, não se encantarem em sair da faculdade. Então já havia uma pressão sobre Cascadura para poder manter a faculdade num padrão bom, entendeu? Havia essa articulação e havia pressão. A gente virou, mexeu, ia a Cascadura para brigar, para manter a faculdade funcionando, para não atrasar pagamento, que eles tinham muito dessa coisa de atrasar pagamento e o medo da gente era de desarticular o que tinha né!? E a idéia era projetar a faculdade, essa faculdade começou com uma faculdade nessa situação toda e gente quer que ela cresça. Que daqui a alguns anos –Ah, se formou aonde? –Me formei

na Souza Marques. –Pô, é uma boa faculdade. Os profissionais lá são aceitos. Há anos atrás a Souza Marques tinha uma Escola de Engenharia que não tinha, em algumas empresas eles não eram aceitos. Saía no jornal escrito lá: Engenheiro, vaga para engenheiro, não aceitamos formados na Souza Marques e uma outra que eu não me lembro qual é. Mas essa era uma preocupação das reuniões de estar num anúncio aí que não aceita a Souza Marques, médico da Souza Marques. Havia uma preocupação em projetar, em crescer a faculdade da faculdade marcar espaço dentro de um mundo de educação, dentro da educação ter uma projeção dela crescer e ocupar um espaço ali porque formou bons profissionais. Havia, no momento em que a faculdade passou a existir, havia essa preocupação dentro do diretório e se atuava para que isso, para que a mantenedora mantivesse a coisa num nível bom, entendeu? Havia uma preocupação de abrir, os professores não receberem, haver alguma coisa e acabar a faculdade formando poucas turmas além da gente. A Souza Marques não era uma mantenedora assim de peso na época.

DN: Agora não só os professores, mas os alunos também né!? E as turmas seguintes da Souza Marques como é que elas eram vistas pela primeira turma? A primeira turma que era bolsista do MEC como é que via os...

ZB: Como é que via, por exemplo, os alunos do segundo ano?

DN: como é que via os padrões...

ZB: Quem entrou no segundo ano?

DN: Quem entrou no segundo ano?

ZB: Que já era formado de alguma coisa e fez algum tipo de prova e assumiu algumas vagas que sobraram...É nós temos vários colegas que entraram no segundo ano que eram veterinários, que eram dentistas, que eram, tinham algum tipo de formação.

DN: Não, mas tinha também transferidos...

ZB: Tinham transferidos...

DN: De Valença e Vassouras, sei lá.

ZB: Tinha, tinha alguns transferidos. Essas pessoas eram vistos assim, super de mal jeito, né!? Eram invasores. Eram no início essa convivência....

DN: Demorou assim...

ZB: Essa convivência no início...Tem gente que se integrou hoje, né!? Quando reúne a turma –Pô, conheci fulano que eu nunca conversei o cara é boa praça, é gente boa, é legal, entendeu? Mas no início eles eram: oh! Lá vem aqueles caras, já formados, ocupando espaço, pensando que a escola era deles. Havia uma coisa de...

DN: Mas eram trinta e dois só, né!?

ZB: Não precisava mais.

DN: Mas qual era a rixa?

ZB: A rixa era que a Escola era do grupo que criou e o cara entrou ali sem fazer prova, sem trabalhar, na mesma turma, entendeu?

DN: na mesma turma?

ZB: O cara caiu de pára-quadras ali, caiu de pára-quadras, quase todos com uma situação econômica boa.

DN: Porque, como, como é... Acabou a Escola sendo criada com o número de vagas maior do que no número de excedentes no segundo ano fez-se...

ZB: Havia a estrutura de módulo, então para fechar o módulo tinha que ter mais 32, entendeu? Trinta e dois ou trinta e um?

DN: Eram trinta e dois módulos.

ZB: Eram trinta e dois, então eram 174 em vez de 175, não é menos 164. 164 precisava de mais 32 para poder fechar um módulo. Então...

DN: Para virar 192.

ZB: Para virar o número de vagas. Então 196, não. 192, então era menos. Era uns 160.

DN: 169.

ZB: Sim, mas teve gente que não ficou. Já estava em outro lugar (ininteligível), então sobrou um espaço. Então para fechar módulo, divisão de módulos, entendeu? Tinha um número a mais de vagas, dito isso na época. Se a realidade era essa eu não sei, né!? Na realidade precisava fechar módulo, você não pode dividir esse módulo de outra maneira? Foi dito isso na época, você olha para trás e fala: Por quê, alguém era afim de alguém que queria ser médico? O cara já era dentista e queria virar médico? O cara era biólogo, veterinário, não sei. Que foi dito na época é que precisava fechar os módulos e os módulos precisava de 32, e aí caíram 32 caras...

DN: No segundo ano?

ZB: no segundo ano.

DN: No primeiro ano foi só...

ZB: Só os excedentes, entendeu? Que daquela lista nem todos ficaram, teve gente que já estava em outra faculdade, aí eu me lembro assina um papel abrindo mão da vaga. Abre mão em prol de alguém que não sabe se ia ficar na Medicina, se ia ficar lá, acabou que foi o povo todo para Medicina e (ininteligível), aí começa a sobrar vaga, aí começa a história de 32. Aí entraram 32 pessoas que inicialmente eram os invasores. – Pô, que caras são esses? Tudo cara formado, fazer o que aqui? Nunca trabalhou aqui, nunca participou de nada. Ainda reclama?

DN: Bem de vida (ininteligível).

ZB: Bem de vida, a maior parte deles com uma situação social boa. Muitos com situação social ou com situação econômico-social, né!? Então essas pessoas, elas ficaram no início bem...

DN: Foram discriminados.

ZB: Foram discriminados. Bem discriminados, muito discriminados! Nós esquecemos um povo importante que aparece também um pouco...

DN: Desde o começo?

ZB: É, também desde o começo. É, (ininteligível).

NT: Qual o nome?

DN: Franscesco Serricella.

ZB: Franscesco Serricella. Que a mãe também dava muitos almoços para a gente na casa dele.

DN: Era ele que jogava no bicho todo dia, não era ele?

ZB: Era. Ele jogava diariamente no bicho.

DN: Todo dia ele ganhava. (ininteligível).

ZB: Tinha um esquema. É porque ele jogava, ele jogava pouco, mas ele sabia jogar aquilo de uma tal peculiaridade que ele ganhava.

DN: Era sorte, era sorte.

ZB: Não, não é só isso Dilene, ele jogava muito, ele jogava muitos números. Então alguma coisa dava, entendeu? Se ganhou um real ou se ganhou dez não importa, importa que dava. (ininteligível), entendeu? O quanto para ele não importa, entendeu? Também ninguém perguntava para ele quantos números ele ganhava, muitas vezes eu fui junto com ele para ele fazer um –Cara, você vai jogar nesses números todos? –Vou e vou ganhar. – Você vai ter que ganhar. –Ganhei! Era muito número, era muitas vezes que ele jogava.

DN: É, mas era tipo jogar dez reais e ganhar quatrocentos. Ele ganhava bem. Mas, Zoraide, você tava, quer dizer, começou a falar...

ZB: A gente esqueceu do Padreco...

DN: Também desde o começo o Padreco?

ZB: A esposa do Padreco ficou lá. Bem no início! A esposa do Padreco, como é o nome dela? A esposa do Padreco...Ficou uma família dividida, eles eram noivos, um ficou na

Medicina e Cirurgia outro ficou na Souza Marques. Então eles deviam estar bem no início e ela acabou ficando lá. Se não no início, início...Eu acho que desde o início ela era muito articulada. Vou lembrar o nome dela, se eu não me lembrar o Chico lembra. Lembro da figura dela, mas não consigo lembrar o nome.

DN: Mas vamos voltar a essa questão que estava falando que entraram os ET's. É...Não só os professores fazem o nome de uma escola, mas os alunos também.

ZB: os alunos também.

DN: E como é que eram vistos esses alunos, que a partir do segundo ano eram pagantes da Escola? Em suma, faziam um vestibular normalmente como qualquer outro.

ZB: Eram vistos como invasores e a gente não sabia se...

DN: Não os trinta e dois, mas as turmas seguintes.

ZB: As turmas seguintes, havia sempre o medo dos caras não corresponderem aquilo que a gente achava que a gente era. A gente achava que nós íamos ser todos grandes médicos, com nome da praça e que a faculdade ia ser muito fantástica porque a primeira turma foi fantástica. E havia uma preocupação de que as outras turmas não crescessem, não marcassem espaço, não tocassem a faculdade para frente, entendeu? Eu me lembro que até o sexto ano, a gente estava saindo da faculdade com medo daquilo se acabar, entendeu? Poxa, não ir para a frente. Essa era uma preocupação grande. Não progredir, não ir para frente e as turmas seguintes havia aquela coisa oral, né!? Aquela coisa que você vai passando –Não, a gente sofreu isso. A gente passou aquilo, a gente passou aquilo outro. Tem um cara que trabalha aqui, que foi da faculdade e ele lembra das histórias da faculdade. Ele era das turmas, duas ou três turmas atrás da nossa e ele lembra das histórias, ele conhece quase todo o pessoal da nossa turma, que havia aquela coisa da tradição, de passar- Ó, nós vivemos isso. Foi assim, essa luta foi assim e vocês não podem deixar isso acabar, entendeu? Então a grande preocupação era de manter, tocar a escola pra adiante e ela criar uma tradição. Aquela coisa do sonho, né!? Mais uma vez vem o sonho, se vai vivendo capítulo a capítulo do sonho.

DN: Você acha que isso se concretizou? São trinta anos já, né!?

ZB: Acho que não, acho que não.

DN: Você acha que a escola não, não, não...

ZB: A escola não é uma escola de falar -Ah, (ininteligível). Eu acho que ela ficou num patamar um pouco abaixo das outras, entendeu? Comparando com as públicas, se você comparar com as privadas ela está abaixo da Gama Filho, não é...Eu to aqui da época que o hospital da época que o hospital pertencia a universidade e a gente vê que não fazia parte do sonho de ninguém ser aluno da Souza Marques. Um aluno que não se projetou como a gente pensava ou desejava que a Souza Marques se projetasse. Tenho medo que indo para Cascadura fique pior ainda.

DN: Ela vai esse ano (ininteligível). Primeiro e segundo ano já estão lá.

ZB: Eles tem infra-estrutura lá para isso?

DN: Bom, lá tem um terreno enorme, né!? Não sei em que prédio que está construindo, mas já está lá.

Fita 2 - Lado B

ZB: nunca, em muitas faculdades públicas tem, né!? De projeção, de anseio das pessoas: não quero estudar naquela! Eu vejo os meus sobrinhos, alguns que ainda são estudantes – Não, eu quero estudar na UERJ, eu quero estudar no Fundão. Quando alguém pode pagar alguma coisa, eu escuto: não, eu quero estudar na Gama Filho. A Souza Marques não é a opção, a Souza Marques é quase um acidente.

DN: É o que sobra?

ZB: É. Eu acho que ela não se projetou como a gente esperou.

NT: Esse grupo, ele tinha muitos conflitos com a direção da escola no início? Porque logo no início a direção quis na matrícula já cobrar um valor. Teve esse evento? E de lá até o final da formatura várias...

ZB: Uma série de conflitos com a direção e conflitos com Cascadura. Sempre houve, acho que a gente se achava muito dono da coisa e que as pessoas tinham que seguir o que a gente pensava, entendeu? Nós estamos ali primeiro, a gente era dono da bola.

DN: Vocês que inventaram a escola.

ZB: A gente é que inventou a escola, entendeu? Então tudo era motivo para conflito. Nós éramos o dono da bola, sabe assim o cara que põe a bola de baixo do braço e fala: o meu time é fulano, fulano, fulano. É exatamente isso, né!? O time eram os professores que foram levados para lá, diretor era acidente, então sempre tinha atrito. Que a gente era o dono da bola.

DN: porque o diretor na ditadura eles é que escolhiam.

ZB: É. A gente era o dono da bola, a gente queria ditar as regras, a gente achava que sabia tudo de como aquela faculdade tinha que funcionar, entendeu? Então era pra lá de natural ter conflito, e muito, entendeu? Conflito direto com o diretor, que – Ah! Essa cara não resolve nada vamos em Cascadura. Passava por cima dele e ia lá.

DN: E em Cascadura que é que resolvia?

ZB: O velho resolvia, né!? Antigamente. Depois ele delegou para a filha dele mais velha.

DN: A Stela.

ZB: A Stela não, Esther.

DN: Stela.

ZB: Stela.

DN: Stela Souza Marques.

ZB: Depois ele delegou para ela.

DN: Mas depois, logo depois né!?

ZB: É! Ele ficou doente aí logo, logo ela é que assumiu tudo. Ela é que assumiu tudo. Mas os conflitos eram ideológicos, entendeu? Pó, se eu participei disso tudo desde o início, se eu acho que isso aqui é um máximo, se todo, tudo que eu desejo na vida tá aqui dentro, né, se eu acho que eu sou dono disso... Você pode dizer o que você quiser que eu vou ser contra você, pelo menos naquela época, né, que a gente era impetuoso. Era natural haver esse conflito.

DN: E o Paiva Gonçalves foi escolhido por Cascadura? Bom não houve nenhuma articulação entre os alunos para escolher o diretor.

ZB: Eu não me lembro se havia assim, vamos dizer, uma certa, como é que a gente fala, aceitação por parte do grupo que achava que ia ser mais fácil de ser manipulado, uma coisa assim. Porque havia muito isso, essa preocupação de – Não, estão oferecendo tal nome, vamos deixar porque esse a gente conhece a gente tem ingerência, ele já conhece a gente, entendeu? O Paiva tinha muito dessa coisa aí. Eu acho que havia uma certa coisa de achar que a gente ia manipular o Paiva, que a gente conhecia, já tínhamos recebido...Então havia aquela coisa de aceita o Paiva porque ele a gente vai conseguir, ele já nos conhece, achar que havia ingerência sobre ele, entendeu?

NT: O Paiva não era da Santa Casa?

ZB: Eu acho que não. Acho que não.

DN: Ele era oftalmologista e ele era general, não? Eu tenho impressão que ele não era da Santa Casa não.

ZB: É. Eu acho que ele não é da Santa casa não. Acho que ele não era do núcleo original, não.

DN: Acho que foi uma indicação da Souza Marques.

ZB: O nome dele foi mais aceito porque a gente teve alguns contatos com ele e havia assim, há sempre, a cabeça do Guido e a do Chico de achar que a gente, ele era mais manipulável. Que a gente ia ter ingerência sobre ele, um domínio sobre ele, que ele ia aceitar mais as coisas que a gente pensava, entendeu? Que aí a coisa ia fluir melhor.

DN: Zoraide, você lembra que durante o curso todo no diretório ora era o Chico presidente, ora era o Guido, houve alguma vez alguma outra chapa candidata ou não?

ZB: Não lembro. Não sei te dizer. A escola era muito polarizada naquela época. Se houve eu não me lembro, mas acredito que não tenha havido não. As pessoas também pensavam

mito pela cabeça dos dois, entendeu? É...Mesmo quando as pessoas começaram a crescer era muito cômodo. Era muito cômodo (ininteligível). Eles eram os ídolos. Eles eram...Eles tinham construído muita coisa, quem vai ser contra? Entendeu? Pôxa, os caras conheciam aquilo como a palma da mão, aquela estrutura toda, tudo que aconteceu, acho muito difícil. Se houve alguma chapa contra é de alguém que chega depois, mas eu não me lembro. Era muito polarizado, era muito...

DN: polarizado não, era muito centralizado, né!?

ZB: É, centralizado. Muito nos dois. As brigas eram...podia ser assim, quem vai ser presidente, quem vai ser não sei o quê, né!? Até porque eles tinham a preocupação de manter aquilo ali para que não houvesse infiltração de outras pessoas com idéias que pudessem trazer algum malefício para a escola, da escola ser fechada, existia muito isso. Não haver infiltração de gente com idéias que podem causar alguma coisa ruim para a escola.

DN: Em função da ditadura que a gente vivia.

ZB: isso, isso, entendeu?

DN: E, Zoraide, e os professores? Você ainda lembra bem deles ou não?

ZB: Eu me lembro de alguns, é...Quer dizer, do primeiro ano eu me lembro de quase todos, né, eu acho que a gente viveu muito próximo. Dolly no primeiro e no segundo ano, por ser monitora da Anadil eu me lembro bem dela, da figura dela. Não me lembro o nome, mas eu me lembro do professor de fisiologia (ininteligível), me lembro da (ininteligível, me lembro do outro professor, do Ramalho, ficava todo dia na anatomia, alguns caras que trabalhavam com eles, o cara do (ininteligível). Quem eu me lembro mais? Os que marcaram mais foram esses, o Ramalho, é os professores de fisiologia, histologia, o Dolly, a Anadil (ininteligível). Esses foram os que marcaram mais. Esses são, acho que a base, né?

DN: Aí você se formou em 1976, foi a formatura da nossa turma toda, essa primeira turma e começou a trabalhar como médica. Para você esse ser médico, depois de formado, depois de completamente ser medico atendeu as suas expectativas, os seus sonhos de ser médico?

ZB: Eu posso ter algumas coisas, assim, com, como eu trabalho em empresa pública, né, em hospital público, você tem os problemas do público. Você querer e não poder, por mais que você se desdobre, por mais que você participe você tem essa coisa do público que parece que é amarrada, né, você quer construir e o cara parece que quer botar areia no seu caminhão. É, mas eu tenho prazer em fazer isso, tenho muito prazer no que faço, muito. Fiz residência, passei na residência...

DN: Em Clínica Médica?

ZB: Clínica Médica e em Gastro. Fiz três anos de residência nos Servidores aí vim pra cá, vim pra em 1980, e estou aqui...

DN: Quando ainda era hospital da Gama Filho.

ZB: Quando ainda era hospital da Gama Filho. Vim pra cá para ser uma espécie de auxiliar de ensino, né, não era esse o nome que eles davam, ms a gente trabalhava como se fosse auxiliar de ensino. A gente dava aula, as aulas práticas. Os alunos tomavam as teóricas lá e vinham para cá para ter a prática de clinica medica com a gente. Na carteira da gente a gente era médico e a gente dava aula e atendia também no ambulatório. Mas daqui eu depois fui fazer endoscopia, comecei a fazer mestrado, fiz mestrado no Fundão, mas não concluí porque coincidiu com um momento de crise da faculdade. A faculdade tentou fechar o hospital, aí mais uma vez eu entrei em conflito com outro problema, alguns anos depois da história da Souza Marques eu entrei em conflito com a história do Hospital, participação para manter o hospital aberto.

DN: E aqui você foi acompanhante também ou teve uma participação mais...

ZB: Não, aqui tive uma participação ativa, fui demitida, tive uma participação muito ativa aqui na época. É...aí nessa época eu estava fazendo mestrado, já estava terminando o mestrado e ia para tese, aí eu fiquei desempregada. Fiquei desempregada brigando, apesar de desempregada a gente continuou dentro do hospital e acabou trabalhando em serviços prestados e conseguimos manter o hospital aberto né!? O hospital que iria fechar ou ser transferido para outra entidade acabou sendo um hospital federal, foi federalizado...

DN: É federal ou municipal aqui?

ZB: Hoje ele é municipal, depois do SUS todas as unidades federais foram municipalizadas, né!? Então a gente ficou aqui, aqui a gente começou a se interessar por endoscopia, na época que estava fazendo mestrado eu fiz especialização para endoscopia, e logo que eu vim para cá eu fiz um curso de medicina do trabalho e durante muitos anos eu não exerci. Depois apareceu uma oportunidade de trabalho e aí eu me reciclei e hoje eu faço medicina do trabalho numa empresa que é muito diferente da medicina que a gente faz no dia a dia, né!? Uma medicina basicamente voltada para prevenção, é outra espécie de medicina. Eu me sinto realizada na minha profissão, é obvio que toda profissão tem os senões, mas eu me sinto realizada, eu acho que continuo ainda legal, dentro das expectativas, das minhas expectativas eu acho que é uma carreira legal, que eu participei de algumas coisas que foram positivas, manter o hospital aberto, né!? E seguir em frente né!?

DN: Consultório você pensou alguma vez ou não?

ZB: Não, nunca me interessei em fazer medicina clínica não. Eu, o núcleo que trabalhava aqui quando eu vim para cá era todo ele voltado para o hospital e a gente muito envolvido com o hospital. Eram quase todos recém formados e pouca gente daqui faz consultório. Muito pouca. A maior parte trabalha ou em algum outro lugar, entendeu? Outra empresa que seja de plano de saúde, né, de medicina de grupo ou em algum outro hospital ou em posto de saúde e aqui. Então eu tenho poucos colegas aqui que tem consultório, houve uma época que ainda era Gama e eles pensaram em fazer uma unidade aqui de pacientes, privatizar...O cara pagava um x de consulta mais barato do que em torno e aí ele era atendido e eventualmente poderia ser internado aqui, nos moldes que eram os hospitais americanos, né, e se passaria o dia inteiro aqui, mas logo depois o hospital começou a não dá lucro e a Gama queria se desfazer dele aí esse idéia se perdeu, né!? Foi federalizado e cabou-se, mas no inicio havia essa coisa, eu cheguei atender alguns pacientes nesse

horário assim que a gente seria particular, eu cheguei a internar doentes aqui, foi muito pouca coisa. Consultório, consultório eu nunca me interessei. Nunca tive essa coisa de consultório nenhum, não sei, eu nunca acreditei nisso. Eu sempre acreditei que a medicina pública é que tinha que prevalecer, que todos tinham que ter acesso a coisa pública e um acesso decente, né!? Infelizmente a gente não tem.

DN: Do ponto de vista financeiro também corresponde, né?

ZB: correspondia, eu acho que eu ganho bem. Eu acho que eu ganho o suficiente para o que eu projetei para a minha vida, nunca tive interesse em (ininteligível) isso aquilo, aquilo outro. Nunca me preocupei muito com dinheiro, não é prioridade para mim, entendeu? O que eu ganho é o suficiente para a vida que eu tenho, para o padrão de vida que eu tenho, que eu projetei. E hoje por exemplo penso em deixar de trabalhar na fábrica. Eu tenho que trabalhar dez anos na fábrica e eu estou me programando para deixar de trabalhar lá na fábrica e ficar só aqui. Que eu estou começando a não gostar de trabalhar lá e acho que os questionamentos não correspondem ao que eles oferecem. Não em termos de dinheiro, mas em termos de condições de trabalho, desgaste, então hoje eu estou me organizando para sair da fábrica, entendeu? Mesmo com uma queda de salário, pelo menos eu acho que eu vou ser mais feliz. Eu me sinto infeliz no que eu estou fazendo, então estou começando a me organizar para poder sair. É óbvio que você não pode largar um salário assim, mas a medida que você não se sente bem e começa a ficar infeliz, eu acho então que tem que sair. Então hoje eu projetei a minha vida para no segundo semestre sair da fábrica.

DN: Zoraide, alguma coisa a mais assim que você gostaria de registrar dessa sua experiência nesse processo de criação da faculdade?

ZB: Registrar que foi uma experiência enriquecedora, né!? Eu tinha vinte anos na época, eu acho que na época eu era uma idiota. Idiota sim, porque a gente vê os jovens hoje, são tão articulados...

DN: Ingênuos?

ZB: ingênuos é, a palavra certa é ingênuos. As pessoas hoje são muito mais articuladas, a gente era muito ingênuo, muito. Mas isso, eu acho que contribuiu muito para o crescimento da gente como pessoa, entendeu? A gente era muito, havia muito essa coisa da família, de você ser criado em torno da família né!? E isso abriu uma porta assim, não sei se uma porta ou um portão, uma coisa grande de correr atrás, de brigar pelo que você acredita, entendeu? E dá um caminho que não parou na minha vida, eu segui em frente, eu tive outras experiências parecidas, por quê? Porque acreditava, entendeu? Eu acho que o mais importante disso tudo além da criação da escola, a escola é o principal, mas um local para as pessoas aprenderem, estudarem e seguirem. Mas depois da escola eu vejo o que a escola deu para mim. O que essa vivência me deu, entendeu? Me fez acreditar em um monte de coisa e correr atrás do que acredito. Brigar pelo que eu acredito. Eu hoje, por exemplo, o diretor quer ver o diabo, não quer me vê. A três meses está o aparelho quebrado aqui, então eu vou todos os dias que eu venho aqui eu vou lá falar com ele.- Tudo bem? Quê que você tem para me dizer?- Ah, não tenho nada, você teve aqui ontem. -Amanhã eu venho aqui de novo. Eu incomodo porque eu acredito que esse é o meu papel, entendeu? Enquanto eu estiver aqui o meu papel é de contribuir para que isso aqui funcione, então se eu não tenho dinheiro, mas eu tenho eu como pessoa e o que eu

acredito. Então vou lá incomodar o cara. Vou falar com outra pessoa, vou encher o saco dele de alguma forma e criar mecanismo para que isso volte a funcionar. Então, eu acho que o mais importante disso tudo é o que aquele início lá criou para o resto da vida, entendeu? De acreditar nos sonhos, de acreditar que você pode construir alguma coisa, que você pode participar de alguma coisa e fazer aquilo funcionar, entendeu?

NT: Como você pensa o fato do patrono ter sido o Emílio Médici?

ZB: detestável. Hoje eu acho detestável, mas aquilo foi manipulado na ocasião. Hoje a gente olha pra trás e – Cara, como é que a gente pode aceitar esta idéia do Guido?

DN: A idéia foi do Guido?

ZB: Do Guido. Que eu me lembro foi dele. Eu acho que foi manipulado, acho detestável, mas naquela época, entendeu? Naquela época a gente acreditava muito em quem estava na frente, entendeu? O Guido é uma figura que eu tive um envolvimento emocional com ele.

DN: O Guido era um Deus.

ZB: Era quase Deus, né!? Deus ele não era, né!? Ele era uma figura marcante na ocasião, então muita gente aceitava muita coisa porque o Guido falou – Pó, mas o Guido falou. Entendeu? Ninguém, poucos contestavam. O grande contestador era o Chico. O grande contestador era o Chico. Hoje em dia eu acho detestável, queria rasgar aquela pagina, entendeu? Como que a gente pode aceitar um negócio desses, entendeu? É terrível, isso aí é uma mancha na história. Isso é verdadeiramente uma mancha na história. É obvio que poucas pessoas contestaram, mas a maior parte – O Guido falou! Pó, mas o Guido falou.

DN: O Guido convenceu, né!?

ZB: O Guido era um semi-deus para aquele grupo ali.

DN: É verdade. (ininteligível). Bem, Zoraide, eu queria só agradecer a sua entrevista.

ZB: eu que agradeço a oportunidade de falar dessas coisa, né!?

DN: A gente vai, em suma essa sua entrevista vai ser uma fonte valiosa para a gente poder contar essa história aí e a gente só queria deixar dito que depois alem dessa entrevista a gente mandaria um elenco de perguntas prá...

ZB: Eu já falei até com a Deny sobre isso, o questionário.

DN: É, é pra você, é, é pequeno. É pouca coisa para você responder por escrito e essa é como se...Vai ser transformado como uma ficha sua e isso vai ser uma página do livro que a gente vai escrever, entendeu? Então é importante que responda, mesmo que possa parecer –Ah, mas eu já disse isso na entrevista. Não faz mal, mas ali vai estar a resposta.

ZB: eu espero ter contribuído para alguma coisa aí, passou-se muito tempo né!? A uns fatos, data essas coisas é muito difícil, mas a história assim, globalmente né!?

DN: O sentimento mais geral fica né?

ZB: Isso fica né, é para a vida inteira.